

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME VIII*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1969

## ESCAVAÇÕES EM S. SEBASTIÃO DO FREIXO (CONCELHO DA BATALHA)

Plínio, em sua *Naturalis Historia*, iv, xxi, menciona Collippo entre as cidades da Lusitânia. Pela maneira como enumera os povos, os *oppida* e os rios da Lusitânia podemos concluir que Collippo ficava para sul de Aeminium e Conimbriga; o seu assento exacto continua, porém, incerto.

### As hipóteses de localização de Collippo

#### 1. *Em Leiria*

Parece-nos ter sido Pedro de Mariz o primeiro escritor a localizar a cidade romana de Collippo no sítio onde assenta a moderna Leiria. Com efeito, nos *Dialogos de Varia Historia* «diz que Leiria tomou o nome, de Laberia Galla, flaminia da Lusitania, e se chamou primeiro Leria. Conservou este nome até que os romanos a tomaram aos lusitanos, mudando-se então para Callippo» (1). Seja invenção de Mariz, seja tradição mais antiga recolhida pelo nosso escritor, nenhuma fonte literária ou epigráfica fundamenta esta hipótese de Collippo ser nome dado pelos romanos a uma povoação mais antiga primeiramente chamada Leria. Pelo contrário, tal história é inaceitável.

A inverosimilhança desta afirmação de Mariz não exclui a possibilidade de Collippo ter tido assento onde hoje fica Leiria. Não temos, porém, outro argumento a favor desta localização que não seja a exis-

(1) Transcrito por Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, 1874, IV, 70, vb. Leiria.

tência, no castelo de Leiria, usadas como silhares, de algumas inscrições (1) e pedras lavradas aparentemente romanas. Ora é perfeitamente admissível que elas tenham sido trazidas dos arredores de Leiria. Por outro lado, nunca, que se saiba, foram encontrados em Leiria outros materiais romanos, o que seria de estranhar se ali tivesse sido Collippo.

## 2. *Em Arnal*

Nos meados do século passado, o Dr. D. B. Russel, reitor do Seminário do Corpo Santo, descobriu perto de Arnal, aldeia distante uma légua de Leiria para noroeste, um pavimento de mosaico. Foi publicado por John Martin no *Archivo Pitoresco* (2). Este e outros mosaicos do mesmo local foram mais recentemente publicados por Maria Cristina Moreira de Sá Douguédroit (3). A. Gonçalves, em «Excavações nas ruínas de Conimbriga» (4) transcreve, sem indicar donde, um trecho de M. Assas no qual este autor diz, referindo-se a Arnal: «donde se supone haber-se asentado la antigua ciudad romana Callippo» (5).

Também em Martim Gil, a cerca de 1 quilómetro para NNO de Leiria, se acharam mosaicos e restos de habitações (6). Não cremos, porém, que alguém tenha levantado a hipótese de ter ficado ali Collippo.

(1) CIL, II, 341, 342, 345 e 5232. Vide também sobre estas inscrições J. Mendes de Almeida e F. Bandeira Ferreira, «Varia Epigraphica», *Revista de Guimarães*, LXXVII (1967), p. 62 ss.

(2) Vol. I (1856), p. 125, em artigo que Leite de Vasconcelos imprimiu de novo n'0 *Archeólogo Português*, VII (1903), pp. 313-319 sob o título: «Mosaicos do Arnal e S. Sebastião».

(3) «Os mosaicos do Arneiro (Amal)», *O Archeólogo Português*, Nova Série, V (1964), pp. 459-468.

(4) *Por tug alia*, I, p. 364, n. a.

(5) Aarão de Lacerda, *História da Arte em Portugal*, I, Porto, 1942, p. 111 refere-se ao mosaico do Amal e menciona também o artigo de Assas, que foi publicado no *Semanario Pintoresco Español*, 1857.

(6) Cfr. A. I. Marques da Costa, «Mosaicos Romanos em Portugal. Dois mosaicos achados nas proximidades de Leiria», *O Archeólogo Português*, X (1905), pp. 49-50 e Irisalva Nóbrega Moita, «O mosaico de Martim Gil», *O Archeólogo Português*, Nova Série I (1951), pp. 131-141.

### 3. Em S. Sebastião do Freixo

Outros autores têm localizado Collippo no monte de S. Sebastião do lugar de Andreus, na freguesia de Azoia e concelho da Batalha. Sobe a este monte a estrada de Leiria a Alqueidão da Serra. Passado o lugar de Andreus, a meio do de Palheirinhos, do lado poente da estrada, há um caminho carreteiro que desce para Bico Sacho. Por este se toma para subir ao eucaliptal que cobre o cimo do monte de S. Sebastião. Aqui fica um marco geodésico a 243 m. de altitude.

Pinho Leal diz que «segundo alguns escriptores, os colimbrios fundaram pelos annos 300 ou 350, antes de Jesus Christo, junto à actual egreja de S. Sebastião do Freixo, freguesia de Azoia, uma cidade com o nome de Collippo ou Callippo (1).

Não há fonte que ateste a data da fundação ou a identidade dos fundadores; mas não faltam em S. Sebastião vestígios de occupação romana.

#### Restos de edificios

«No tempo do nosso escriptor Gaspar Barreiros, ainda existiam, no sitio de S. Sebastião várias ruinas de edificios antigos, segundo elle assevéra» (2). No século passado ainda se viam algumas construções, pois Pinho Leal escreveu em 1874: «É certo que ainda aqui se vêem alguns alicerces de edificios e varias pedras com inscrições, mas já tão gastas, que se não podem ler» (3). Anos antes, o Dr. Russel atrás citado descobrira restos de um pavimento de mosaico a preto e branco com uma figura de centauro marinho, que foi publicado por J. Martin e reimpresso por Leite de Vasconcelos no artigo atrás referido.

Mais recentemente, o Sr. Bento Lopes, morador em Bico Sacho e proprietário de um olival na encosta do monte de S. Sebastião virada a norte, descobriu, em data da qual já se não recorda, ao cavar nessa sua propriedade, e muito fundas, paredes arruinadas rebocadas de estuque pintado de azul e o braço de mármore de uma estátua monumental.

(1) *Ob. cit.*, IV, 70 vb. Leiria.

(2) Cfr. Pinho Leal, *ob. e loc. cit.*

(3) *Ob. cit.*, I, p. 298, vb. Azoia.

Mais a nascente, num campo sobranceiro à estrada para Reguengo do Fetal, está ainda à vista o cunhal de um edifício que parece ter sido quase completamente destruído por trabalhos de lavoura.

Na vinha a norte da casa da Quinta de S. Sebastião também apareceram, segundo contam o Sr. Bento Lopes e outros homens de Andreus e Bico Sacho, alicerces de casas e «pedras com letras». Tudo foi destruído quando prepararam o terreno para plantar a vinha.

### Inscrições

Em S. Sebastião encontraram-se várias inscrições. Algumas foram publicadas por Hubner: CIL, II, 338, 340, 347, 348, 5235. Outra foi publicada por Tavares de Proença (1). Mais duas são inéditas (2). Muito perto apareceram mais quatro inscrições, das quais duas são inéditas (3).

O nome de Collippo aparece na inscrição CIL, II, 340 e numa das recolhidas pelo pároco de Reguengo do Fetal, ambas encontradas em S. Sebastião.

Das outras inscrições que apresentam o nome de Collippo, uma encontra-se no castelo de Leiria (CIL, II, 5232), outra foi achada na igreja de S. Estevão na mesma cidade (CIL, II, 339), outra ainda foi descoberta no lugar das Debarbas, freguesia de Maceira (4), e a última (5) em Salir do Mato.

(1) F. Tavares de Proença Júnior, «Inscrições inéditas», *O Archeólogo Português*, XV (1910), p. 46.

(2) Encontram-se, uma em casa do reverendo prior do Reguengo do Fetal, a quem agradecemos ter-nos mostrado as antiguidades que tem recolhido na região, e outra no Gabinete de Etnografia da Comissão Regional de Turismo de Leiria. Não publicamos as inscrições inéditas, que serão objecto de um estudo que o Senhor Bispo-Auxiliar de Leiria, D. Domingos de Pinho Brandão, prepara sobre as inscrições da região de Leiria.

(3) As inscrições inéditas, recolhidas no lugar de Garruchas, estão guardadas na sacristia da igreja do Reguengo do Fetal. Das duas conhecidas, uma foi publicada por Hubner (CIL, II, 5236) e a outra por Tavares Proença no artigo já citado. Ambas foram recolhidas em Bico Sacho.

(4) José Callado, «Inscrição sepulcral romana», *O Archeólogo Português*, V (1900), 42-43.

(5) CIL, II, 353.

Da distribuição das inscrições com o nome de Collippo não se pode tirar outra prova decisiva que não seja a da localização da cidade no aro de Leiria; mas a frequência das inscrições em S. Sebastião ou em lugares muito próximos (doze das vinte e quatro cuja proveniência exacta se conhece) é argumento sério a favor da localização de Collippo em S. Sebastião.

### **Esculturas**

Num terreno do Sr. Bento Lopes apareceu há anos e foi por ele recolhido um braço monumental de mármore, viril. No campo sobranceiro à estrada de Reguengo do Fetal, onde se nota ainda o cunhal de um edifício romano, foi achada, também há anos, uma mão que segura não sabemos que objecto. Ambas as peças, que são de mármore diferentes e portanto não pertencem à mesma escultura, foram adquiridas pela Comissão Regional de Turismo de Leiria para o Gabinete de Etnografia, onde hoje se encontram.

Também o Senhor Dr. Joaquim Padrão, residente na Batalha, adquiriu uma cabeça monumental de Diana ou Roma, achada em S. Sebastião, a qual conserva no quintal de sua casa.

O Pároco de Reguengo do Fetal possui também uma cabeça viril de mármore, infelizmente fracturada e incompleta, e uma mão, igualmente incompleta, que segura um objecto semelhante ao da mão atrás mencionada. Ambas as peças foram achadas em S. Sebastião.

### **Achados vários**

#### **1. Antigos**

Disse F. Tavares de Proença Júnior em 1910(1):

«...ainda hoje, além de troços de columnas, tijolos e imbrices, ali apparecem moedas romanas do Império e da Republica, objectos de bronze e de ferro, taes como fibulas, alfinetes, anzoes, cerâmicas aretinas e outras, fragmentos de dolia, alguns dos quais podem ver-se no Museu Municipal de Castello Branco, aonde os depositei».

(1) «Inscrições inéditas», *O Archeologo Português*, XV (1910) pp. 46.

No mesmo artigo, fig. 2, o autor reproduziu um tijolo que adquiriu em S. Sebastião com inscrição em letra cursiva em duas linhas. Apresentou dela a seguinte transcrição, enigmática: NALTIVI.A ..... DIT/DOVTIA ..... LIIVLIV.

Nas *Novidades* de 17 de Novembro de 1898 publicou-se uma notícia que J. Leite de Vasconcelos transcreveu *rCO Archeólogo Português*, V (1900), 167:

«Numas ruínas, em uma quinta próxima de S. Sebastião, têm aparecido várias moedas romanas, tendo de um lado um carro puxado por quatro cavallos e diversos dizeres, e do outro um camello, estando ajoelhado a seus pés um vulto de homem e tendo por baixo REX.ARETIN.»

Leite de Vasconcelos comentou: «A inscrição deve ler-se, não *rex Aretin*, mas REX.ARETAS. A moeda pertence à época da republica romana (familia Aemilia) e foi cunhada no século i a.C.; *Aretas* era um rei da Arabia Petrea, cujos estados foram invadidos pelos Romanos». Acrescentemos que se trata de moeda cunhada por M. Aemilius Scaurus e P. Plautius Hypsaesus em 58 a.C. (1).

## 2. *Mais recentes*

Nos terrenos do Sr. Bento Lopes acharam-se ao acaso das lavras, e foram adquiridas para o Gabinete de Etnografia da Comissão Regional de Turismo de Leiria, as seguintes peças:

- 1 — Um *dupondius*, muito gasto, talvez de Domiciano.
- 2 — Um *as* de Merida, com o anverso absolutamente gasto; no reverso percebe-se ainda a porta da cidade e as letras RITA de Emmerita.
- 3 — Outro *as* de Merida. No anverso, busto muito gasto e irreconhecível de imperador e legenda retrógrada .... AVG .... No reverso, as portas da cidade e legenda .... AVG.
- 4 — Um arco de fibula de bronze.
- 5 — Sinete de bronze, constituído por uma argola da qual saem dois marcadores: um de tipo circular, decorado com seis raios incisos;

(1) Vid. E. A. Sydenham, *The Roman Republican Coinage*, Londres, 1952, p. 152, n.os 913-914.

outro em quadrado ressulcado de linhas que se cortam perpendicularmente. Comprimento: 41 mm. Diâmetro do topo circular: 10 mm. Lado do topo em quadrado: 11 mm. Embora nos pareça um sinete, ignoramos para que servia e não sabemos mesmo se será romano (Est. V).

6 — Mó dormente.

7 — Diversos tijolos, alguns em forma de sector circular, com orifícios.

Ainda em S. Sebastião, mas em terreno que não se pode precisar, apareceram dois grandes capiteis de mármore que foram adquiridos pelo Rev. P.<sup>e</sup> José de Oliveira, pároco de Reguengo do Fetal, e que este guarda no seu quintal.

### **Prospecções e escavações**

#### *1 — Em Dezembro de 1963*

A Comissão Regional de Turismo de Leiria, da presidência do Senhor Dr. Ruy Acácio da Silva Luz, resolveu, em 1963, realizar escavações em S. Sebastião do Freixo.

Tivesse sido ou não ali o assento de Collippo, os achados denunciavam uma estação romana que valia a pena sondar.

Em Dezembro de 1963 fizemos uma sondagem, mas sem qualquer resultado, nos terrenos do sr. Bento Lopes; ao mesmo tempo escavámos num campo mais a nascente, sobranceiro à estrada para o Reguengo do Fetal, a fim de pôr a descoberto um cunhal que mal se via, coberto de terra e de vegetação, e verificar se não haveria ali ainda ruínas importantes de qualquer edifício. Neste ponto recolhemos alguns fragmentos de cerâmica romana que ilustramos (Est. I) e descrevemos:

1 — Prato de fundo raso, paredes arqueadas e bordo canelado. Barro beije, ligeiramente micácio, com areia muito miuda.

2 — Frigideira de fundo raso, paredes ligeiramente arqueadas e estranguladas na parte superior, bordo descaído para o interior. Barro beije, ligeiramente micácio, com areia muito miuda, enegrecido pelo fumo.

3 — Frigideira de paredes muito arqueadas e bordo boleado. Barro avermelhado, com muita areia e calcite. Pasta e forma são muito comuns em Conimbriga.

5 — Pequeno pote de colo bem marcado, boca larga e bordo em forma de colarinho alto. Barro fino, embora bastante micácio, alaranjado.

6 — Cântaro de boca afunilada, com vestígios de uma asa. Barro beije, com areias muito miúdas, muito friável.

7 — Taça provavelmente hemisférica de paredes finas. Pasta amarelada e engobe castanho-alaranjado. Decoração de espinha, grande e irregular, feita com roleta. Época de Cláudio-Nero.

8 — Prato Drag. 18 ou 15/17 de sigillata sudgálica. Fabrico do reinado de Cláudio.

9 — Tinteiro de sigillata hispânica, provavelmente da época de Cláudio (cfr. Oswald, *The Terra Sigillata of Margidunum*, est. VI, 22 e 23).

10 — Prato Drag. 15/17 ou 18 de sigillata hispânica.

Recolhemos ainda um fragmento da parede de um prato de sigillata hispânica, de forma 15/17 ou 18 e outro da base de um prato de um ou outro destes tipos, de fabrico sudgálico.

Escavámos também um estreito poço de incerta data, a meio caminho entre os pontos A e B, e aí encontrámos um prato de barro vermelho, de paredes arqueadas, com um pequeno pé e um grafito no fundo externo: ...CY... (Est. I, 11) e uma panela do mesmo barro da frigideira 3 (Est. I, 4), além de um mascarão de sítula, em bronze (Est. V).

Estes materiais foram depositados no Gabinete de Etnografia da cidade de Leiria.

## 2 — *Prospecção com magnetómetro de protões em 1964*

De 29 de Setembro a 7 de Outubro de 1964, o Dr. M. J. Aitken, do Research Laboratory for Archaeology and the History of Art, de Oxford, realizou em Portugal demonstrações do uso do magnetómetro de protões e do resistivímetro na prospecção de vestígios arqueológicos. Foram aquelas promovidas pelo Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, graças a um subsídio concedido pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Resolvemos então ensaiar em S. Sebastião do Freixo o magnetómetro de protões. Assim, ocupámos a manhã de 3 de Outubro na prospecção magnética do olival pertencente ao Sr. Bento Lopes.

O Dr. M. J. Aitken localizou três anomalias magnéticas importantes, que ficaram assinaladas por estacas de madeira para ulteriormente se proceder a escavações nesses pontos.

<i>Anomalia</i>	<i>Perturbação magnética «em gamma»</i>	<i>Extensão da perturbação</i>	<i>Causa possível</i>
1	340	2,5 x 3 m	Forno
2	240	1 x 1 m	Forno
3	30	3 x 5,5 m	Fossa pouco funda (1)

### 3 — Escavações em Junho de 1965.

Só em Junho de 1965 tivemos possibilidade de realizar de novo escavações em S. Sebastião, subsidiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian, agora nos pontos assinalados pelo Dr. M. J. Aitken. Infelizmente o olival havia sido lavrado e semeado de tremçoço. Uma das estacas, afortunadamente a que marcava a maior anomalia, encontrava-se *in situ*; a segunda, encontrámo-la completamente debaixo da terra depois de muito procurarmos, e não temos a certeza de que não tenha sido deslocada; quanto à terceira, havia desaparecido e não pudemos voltar a determinar a sua posição.

A escavação no primeiro ponto pôs a descoberto um forno de cozer cerâmica bem conservado (Est. III).

O terreno saibroso forma ali um degrau alto, que certamente foi feito para se lhe encostar o forno. Este, feito de pequenos tijolos rectangulares, tem planta circular, com 2,38 m. de diâmetro e uma pequena boca de arco redondo. Três arcadas sustentam o lar perfurado de agulheiros redondos. As paredes do forno, mantêm-se direitas até uns 30 cms. acima do pavimento e começam então a encur-

t) Vid. M. S. Tite e J. C. Alldred, «Aplicação de métodos científicos de prospecção em estações arqueológicas portuguesas», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (da Faculdade de Ciências do Porto), XX (1965-66), pp. 147-160.

var-se para o interior, formando uma cúpula que não era provavelmente fechada. Quando o descobrimos, porém, era grande a quantidade de barro amontoado sobre o pavimento e proveniente das paredes derrubadas. Estas deviam portanto erguer-se bastante mais do que actualmente.

Sob essa camada de barro que entulhava a câmara de cozimento não encontrámos, infelizmente, nada que indicasse a cronologia ou o tipo de cerâmica que ali se cozia. Também nas cinzas da fornalha não apareceu qualquer objecto. Havia porém cinzas igualmente no corredor, cavado no terreno saibroso, que dava acesso à boca da fornalha, e entre elas encontrámos um arco de fibula de bronze manifestamente romana e alguns fragmentos de cerâmica insignificantes no que respeita a reconstituição de formas. À direita da boca havia um monte de barro de que os oleiros se serviriam talvez para cobrir o forno depois do enformamento das peças.

Nas terras que cobriam o forno, e em que não notámos qualquer estratigrafia, recolhemos alguns fragmentos de cerâmica romana que ilustramos (Est. II, 1-8).

1 — Talha de colo bem marcado e bordo revirado para fora. Pasta castanho-acinzentada, muito arenosa, embora de areia miuda, e micácia.

2 — Talha de bordo internamente facetado e boleado no remate. Barro castanho-alaranjado, bastante arenoso e micácio.

3 — Pote de boca larga, bordo a formar um gancho. Barro laranja-acastanhado, com mica e muitas areias miúdas; uma ou outra areia muito grossa.

4 — Pote de colo pouco apertado e bordo triangular. Barro alaranjado, muito arenoso e grosseiro, enegrecido pelo fumo.

5 — Pote de bordo arqueado e revirado para baixo. Barro alaranjado, com areia miuda.

6 — Pote de boca larga, muito revirada para fora e bordo em forma de martelo. Barro castanho alaranjado, muito arenoso e micácio.

7 — Quatro fragmentos de taça Ritterling 5 com o bordo moldurado interna e externamente e decorado à roleta. O fabrico é pobre, ainda que itálico, provavelmente aretino. O perfil corresponde aos dos melhores vasos produzidos nos reinados de Augusto e Tibério. (Cfr. Behrens, «Dritter Bericht fiber Funde aus dem Kastell Mainz»,

*Mainzer Zeitschrift*, VIII-IX (1913-14), pp. 72-73, fig. 8, 1 e 2; Goudineau, *Fouilles de VÉcole Française de Rome à Bolseria (Poggio Moscini)*, 1962-1967, IV—*La céramique arétine lisse*, École Française de Rome, *Mélanges d'Archéologie et d'Histoire*, supp. 6, p. 298, tipo 27(A).

Apareceram ainda dois fragmentos da parede de uma taça do mesmo tipo. Da canelura que, nos exemplares mais antigos, costumava abrir-se na face interna, junto do fundo, apresenta apenas vestígios numa breve ranhura.

8 — Peso de tear (?) recortado de algum fragmento de talha. Barro alaranjado, micácio, muito arenoso.

#### 4. Escavações em Agosto de 1966

Na campanha de 1966 alargámos a escavação à volta do forno na esperança de descobrir algum monte de cacos. Nada mais natural do que partirem-se algumas peças ao enfiar ou desfiar, ou do que ficarem algumas defeituosas na cozedura. Essas seriam, com toda a verosimilhança, atiradas fora mas não para muito longe do forno. O facto de não termos descoberto em 1966 esse caqueiro que procurávamos não nos convence de que ele não existe e haveríamos de procurá-lo mais longe se ali fizéssemos outra campanha. Tal achado, permitindo a identificação do tipo de louça fabricado neste forno, seria de importância capital.

Perto do forno descobrimos o alicerce de um muro de pedra, orientado sensivelmente de noroeste para sudeste e destruído pela plantação de uma oliveira. O topo norte do muro está aparelhado de modo que pode bem ser a extremidade do alicerce. Duas pequenas valas que abrimos do outro lado da oliveira, por onde correria o muro se este se continuasse, não deram qualquer resultado. (Est. IV).

A cerca de 14 metros para sudoeste do forno, num ponto que nos foi indicado pelo Sr. Manuel Lopes, filho do proprietário, descobrimos o cunhal de um outro alicerce. Também aqui os muros se perdem e não lhes encontramos continuação apesar de várias valas abertas na direcção que deviam seguir.

A cerca de 18 metros para norte deste cunhal apareceram restos de outro muro que, pela espessura (75 cms.) se devem atribuir a grande edificio. O muro desenha um L, cujas extremidades não pusemos a

descoberto. Do braço maior arrancam, para nascente, dois muretes mais estreitos; a metade poente do mesmo muro tem pedras trabalhadas em cunha, que parecem arranque de uma abóbada; esta, se existia, foi porém completamente destruída.

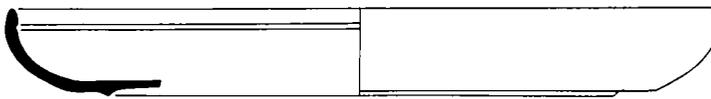
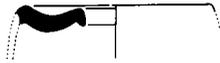
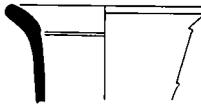
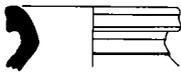
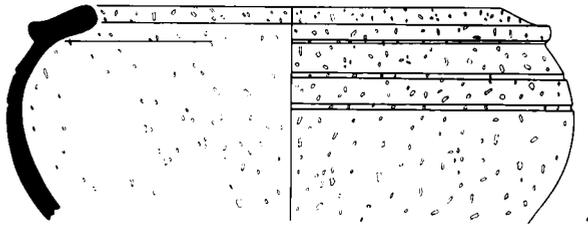
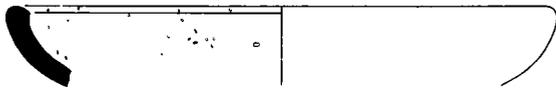
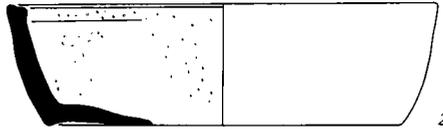
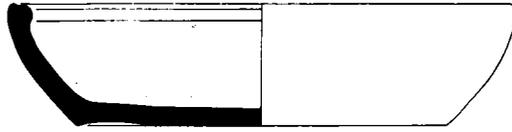
Junto deste muro apareceu, tombada de face para a terra, uma estátua monumental de mármore de cabeça amovível; a cabeça estava caída ao lado da estátua. Esta escultura representa um magistrado togado, tendo aos pés a caixa dos *volumina*. É obra do século i d.C., que a Senhora D. Margarida Sanches estuda em artigo publicado mais adiante, nesta revista.

### Conclusão

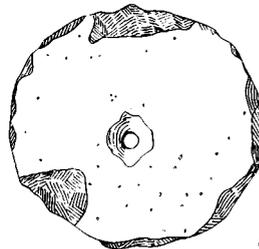
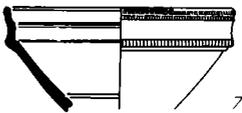
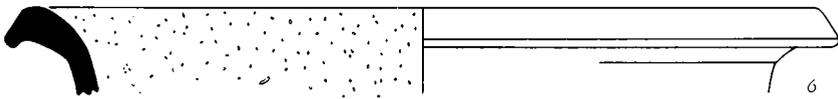
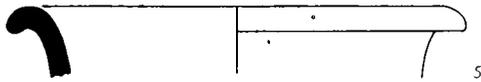
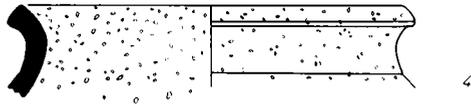
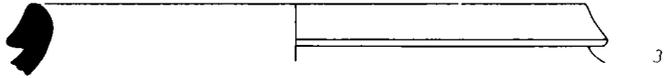
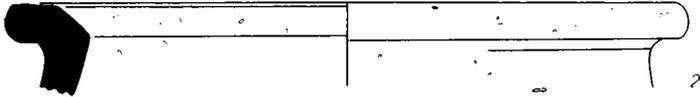
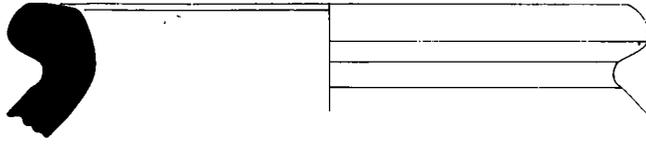
As escavações realizadas até agora não provaram que as ruínas romanas de S. Sebastião sejam as da cidade de Collippo. A estatuária encontrada, de boa qualidade e proporções monumentais; a grandeza dos muros postos a descoberto no lado inferior do olival do Sr. Bento Lopes; o forno escavado a meia encosta do mesmo olival — demonstram a existência de uma estação romana de muito interesse. Só uma escavação mais extensa poderá decidir se estamos em presença de Collippo ou de simples villa ou *fanum* romano. As inscrições ali achadas inclinam-nos, porém, para a primeira hipótese.

No Gabinete de Etnografia da Comissão Regional de Turismo de Leiria depositámos um relatório bastante ilustrado destes achados e trabalhos.

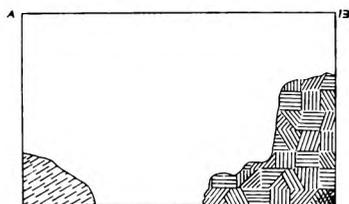
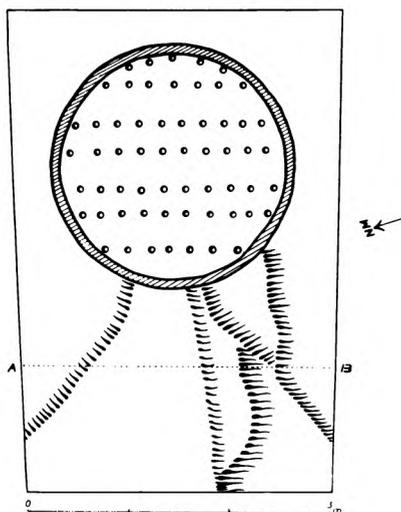
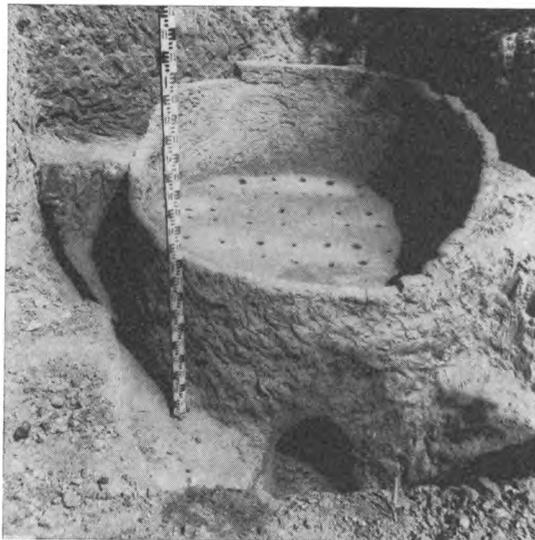
J. M. BAIRRÃO OLEIRO  
JORGE DE ALARCÃO



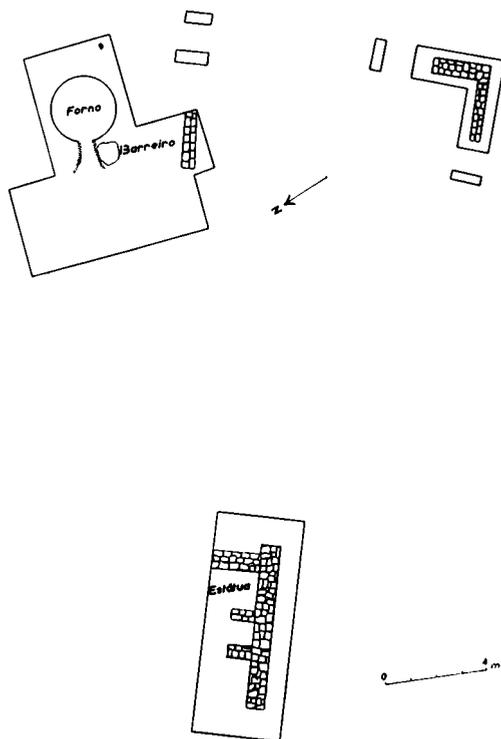
Est. II



Est. III



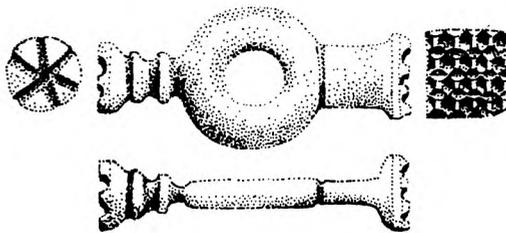
Est. IV



Planta das escavações de 1965-66



1. Mascarão de asa de situla



2. Sineta